

## **A INCLUSÃO DE DISCIPLINA COM EMENTA VOLTADA PARA QUESTÕES DE GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE COMO NECESSÁRIA NOS CURSOS DE LICENCIATURA DO CCT- UDESC<sup>1</sup>**

Felype Heusy<sup>2</sup>, Carlos Raphael Rocha<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Vinculado ao projeto “Reflexos do currículo escolar na participação de minorias no âmbito das ciências exatas”

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Licenciatura em Física – CCT – Bolsista PIBIC/CNPq

<sup>3</sup> Orientador, Departamento de Física – CCT – carlos.rocha@udesc.br.

A pesquisa teve início com a proposta da discussão do currículo escolar e a percepção dele a partir das teorias críticas e pós-críticas, que nos esclarece como o currículo escolar pode ser produtor e reprodutor de estruturas de opressões na sociedade, seja em uma perspectiva materialista ou em uma perspectiva subjetiva (mas que também tem efeitos materiais). As discussões acerca dos conteúdos envolvendo a representatividade da diversidade de pessoas que compõem os espaços de saber, como escolas e universidades, tomaram ainda mais corpo com a primeira ação tomada que foi a formação do coletivo UniDiversidade. A partir dele, foi possível ampliar os horizontes dos referenciais teóricos estudados e promover ações de extensão dentro do campus da UDESC-CCT. A primeira ação de extensão tomada, já como coletivo, foi o lançamento de um questionário que buscava mapear os tipos de assédio sofridos dentro da UDESC-CCT. A partir das respostas obtidas, e com base nos referenciais teóricos adotados ao longo da pesquisa, fica evidente que muitas formas de opressão sofridas dentro do campus perpassam por questões essencialmente de gênero, raça/etnia/cor e/ou sexualidade. A análise deste questionário urgiu a emergência de se promover mais ações de extensão dentro do campus com as temáticas que abordamos, que, evidentemente, não é um espaço composto por pessoas conscientes de seu local de fala, dos seus privilégios e de consciência histórica. Em contrapartida, surge o obstáculo de que as ações de extensão podem ser boas para a representação e autoafirmação dentro dos espaços, mas não alcança quem reproduz as opressões estruturais (mesmo “sem intenção”), que por muitas vezes pertence às classes hegemônicas de maior acesso às oportunidades dentro da universidade e não possui a perspectiva das dificuldades enfrentadas pelas ditas minorias.

Dentre as reuniões semanais para discussão de artigos, a busca por referências teóricas e as ações de extensão, também foi realizada uma busca nas grades das licenciaturas em “exatas”, com o intuito de encontrar disciplinas voltadas para pautas de diversidade nas universidades da região Sul do Brasil. Das que se encontravam em Santa Catarina, apenas em um curso de Licenciatura em Matemática de uma universidade privada é que foi possível encontrar uma disciplina compatível com o requisito de busca. Enquanto no Paraná e no Rio Grande do Sul foi possível encontrar outras trinta. Este fato serve como parte de um argumento de crítica à produção e reprodução de uma cultura centrada nas pessoas hetero-cis-brancas e masculinas do estado.

A **Tabela 1** apresenta a quantidade de universidades em cada estado que continham pelo menos uma das licenciaturas em física, matemática ou química e que estavam entre as 75 melhores

universidades do Brasil pela avaliação do Ministério da Educação de 2019. Ao lado, a quantidade de disciplinas envolvendo diretamente temas que buscamos tratar no projeto (tais disciplinas continham no nome palavras como ‘diversidade’, ‘representatividade’, ‘gênero’, ‘raça’ etc.). Vale ressaltar que em algumas universidades uma mesma disciplina pode ser cursada por alunos de dois ou mais cursos e, para compor a tabela, foi contabilizada apenas uma vez.

Estado	Quantidade de universidades	Quantidade de disciplinas
PR	7	16
RS	10	14
SC	5	1

**Tabela. 1** *Quantidade de disciplinas envolvendo diretamente assuntos relacionados ao nosso tema de estudo.*

O centro universitário CCT UDESC forma professores que vivenciarão a docência no Ensino Médio sem nunca terem, ou terem muito pouco, acesso formal aos referenciais que teorizam assuntos de raça, gênero e sexualidade, tão contemporâneos na sociedade. Isso favorece a manutenção da reprodução de diversas formas de opressão e, mesmo quando são mais sensibilizados com essas pautas, sintam-se desmunidos de ferramentas quando deparados com adversidades sexistas, machistas, racistas e lgbtfóbicas nos espaços escolares. As diretrizes nacionais que orientam o Ensino preveem que tratar de questões de raça, por exemplo, é papel de todo o corpo da escola, como nas leis 10.369/03 e 12.796/13 e que não é exclusividade dos professores das áreas consideradas “de humanas”. Mesmo que o assunto seja previsto como tema transversal, como professores que nunca acessaram formalmente a estes conteúdos na graduação, portanto estão sujeitos a reproduzirem estereótipos e comportamentos opressivos de maneira automatizada e, quase como inconsciente, poderão promover ações para se fazer cumprir tal diretriz? Como teriam, ainda, opiniões com o devido embasamento científico quando esses assuntos emergem nos espaços escolares? Como, enfim, serão agentes de combate a esse tipo de estrutura opressora e retrógrada? As mesmas perguntas são válidas para as outras pautas sociais e de Ensino que tratamos.

Pensando sob perspectiva freiriana, os professores devem estar aptos para se sensibilizarem com a realidade dos seus alunos, que por sua vez, estão inseridos numa realidade social complexa, sustentada em estruturas de opressões. De acordo, também, com Angela Davis “*Numa sociedade racista, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista!*”. Podemos, assim, estender-nos a outras pautas emergentes: Não basta não sermos sexistas, machistas, lgbtfóbicos; é preciso ser antissexista, antimachista e anti-lgbtfóbico. Em busca desse reparo histórico, e com base na revisão realizada ao longo desta pesquisa, é defendida a necessidade de inclusão uma disciplina com ementa dedicada a essas questões. Tal inclusão se justifica pelos argumentos apresentados ao longo do resumo, cuja próxima etapa é construir a disciplina. Para tanto, além de se usar os referenciais teóricos coletados e discutidos neste primeiro período do projeto de pesquisa, fez-se contato com algumas universidades dos estados vizinhos para solicitar ementas das disciplinas de nosso interesse e enriquecer ainda mais o projeto de construção de ao menos uma delas para as licenciaturas do CCT-UDESC.

**Palavras-chave:** Diversidade. Proposta de mudança curricular. Questões afirmativas.